

A medida em que os salários vão incorporando ganhos reais por força da superação das regras estabelecidas para a política salarial, alguns resultados começam a surpreender. Aumentou o consumo de alimentos. A demanda sobre os bens duráveis ampliou-se sensivelmente. Também cresceram os níveis de emprego. O aumento do produto interno está firme no seu patamar mediando entre cinco e seis por cento. A inflação de outubro ficou aquém dos dois dígitos. O salário mínimo caminha para emplacar um valor inteiro, com um aumento percentual acima do INPC. Vai estrelar Cr\$ 600 mil nas folhas de pagamento da mão-de-obra empregada no País, em seu piso, com ganhos reais de 8,1%.

A administração da economia está obtendo desempenhos satisfatórios e tudo faz crer que os horizontes para os lados do fim do túnel começam a clarear. Deixamos a carta de vôo cego para ingressar num plano de navegação governado onde as respostas estão ocorrendo dentro de padrões razoáveis. Há firmeza do comando da Nova República, renovando-se as esperanças de que tudo possa dar certo, desde que são de acerto os resultados até aqui alcançados.

Os dados tabulados, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, colocam em evidência forte reação do mercado de trabalho em paralelo com a reativação econômica. A taxa de desemprego, posta diante da população economicamente ativa, desde o inicio de 1985, fixou-se em 4,8% contra os cinco por cento assinalados em agosto, segundo levantamentos do IBGE quanto ao uni-

verso representado por Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo. De janeiro a setembro o destaque é maior. A taxa média de desemprego caiu de 7,5 para 5,7, tomado para comparação idêntico período do ano de 1984. Essa queda de 25% tem validade econômica e oferece para o plano social bases de sustentação capazes de assegurar uma reversão em quase todos os setores da atividade produtiva. Particular ênfase foi detectada em relação à construção civil, aos setores de transformação, ao comércio e aos serviços. Na construção civil o desempenho apresenta níveis de recuperação incomuns. O desemprego caiu de 11,2%, em agosto, para 6,5% em setembro, com 58,3% de expansão.

Essa nova realidade projeta nos demais setores da economia preocupações que até bem pouco tinham outras raízes e motivações. Veja-se o exemplo da demanda no setor de alimentos. Apesar da safra de 85 ter alcançado, praticamente, 59 milhões de toneladas de grãos, o Governo está sendo obrigado a abrir uma pauta de importações para feijão, arroz e milho. O aumento do consumo fez baixar os estoques de reposição, com reflexos imediatos sobre os níveis de preço. Para não absorver pressões de alta sobre a inflação, o Governo de pronto, se dispõe a abrir uma pauta seletiva de importações para ajustar um equilíbrio interno, compondo os preços mediante uma oferta suplementar de estoques.

Ainda na mesma direção de controle da economia o Governo estará examinando na reunião desta data do Conselho Monetário

Nacional a redução para doze meses — e até mesmo nove meses — nos prazos de financiamento para a aquisição dos bens de consumo, tendo como objetivo imediato diminuir a demanda que está entrando numa dimensão exagerada. A causa eficiente é a rápida recomposição salarial, cujos resultados imediatos podem ser levantados nas curvas de demanda dos bens de consumo duráveis.

Diante de tais constatações há que ressaltar-se a mudança do centro de gravidade da economia, cujos eixos deixam de apoiar-se, em uma de suas extremidades, no salário reprimido, expondo à iraço o trabalhador incapacitado financeiramente e num permanente recuo em relação às necessidades imediatas. Em vez de uma crônica crise de miséria, o País já começa a defrontar-se com problemas que somente a prosperidade — mesmo modesta — pode criar. Consumimos todas as reservas de alimentos e já temos que buscar aportes externos. Está havendo uma tendência excessiva nos balcões das lojas de varejo e a folga no crédito ao consumidor precisa ser redimensionada. São conflitos salutares onde o bom combate se processa entre partes vivas e atuantes. E uma delas, sem sombra de dúvida, revela a classe assalariada em recuperação, embora até bem pouco tempo angustiada pelo apequenamento que lhe impunham as forças opressoras do achatamento salarial e do desemprego crônico, determinado pelas constantes dos fenômenos recessivos.

Com a queda do desemprego, fica caracterizado que o Brasil encontrou seu caminho na retomada do desenvolvimento.